

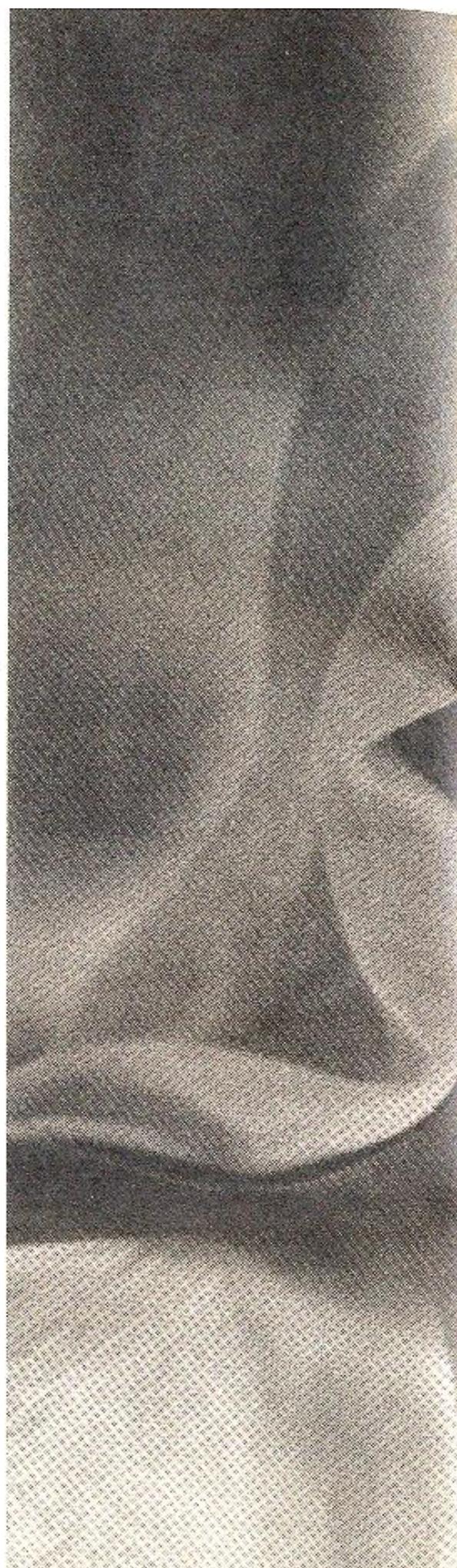
# Cidadã do mundo

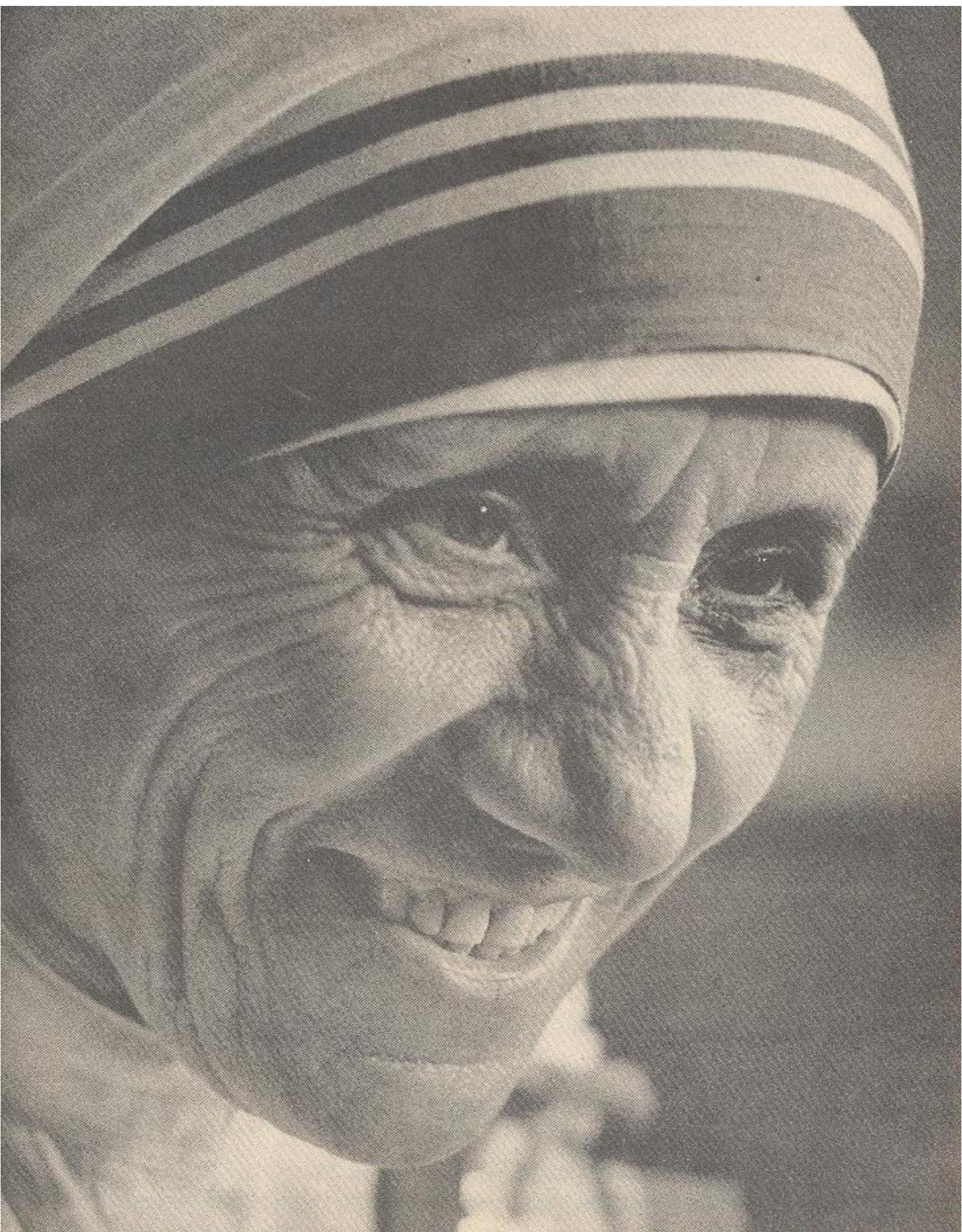
Madre Teresa não tinha medo de dizer a verdade aos poderosos

PEGGY NOONAN  
DA REVISTA *TIME*

**Q**UE ALEGRIA! Estávamos na primavera de 1985, e o presidente acabara de conceder a Madre Teresa a Medalha Presidencial da Liberdade numa cerimônia no Jardim Rosa. Na saída, ela percorreu o corredor entre a Sala Oval e a Asa Oeste e veio em minha direção. Que visão: a santa de sári caminhando pelo corredor da Casa Branca! Quando se aproximou, não pude evitar: cumprimentei-a. “Madre, quero apenas tocar-lhe a mão.”

Ela levantou os olhos para mim – deve ter sido uma das sutis ironias de Deus o fato de sua nobre filha passar a vida levantando os olhos para todo mundo – e disse apenas duas palavras. Mais tarde, percebi que eram a mensagem de sua missão. “*Luff Gott*”. Amar a Deus. Ela pôs-me nas mãos um poema que havia escrito, enquanto se afastava, deslizando com a pressa habitual.





Tirei o poema da moldura no dia em que ela morreu. É um verso chamado "Meditação da Madre (no hospital)". Nele, ela reflete sobre a pergunta de Cristo aos apóstolos: "Quem dizeis que sou?" Ela observa que ele foi o menino nascido em Belém, "posto na manjedoura cheia de palha... aquecido pela respiração do jumento, que cresceu e se tornou homem comum, sem muita instrução".

Jumentos não são nobres, a palha é comum. E foi entre os ordinários e os ignóbeis, os pobres e os doentes, que ela escolheu trabalhar. É preciso muita força para organizar um universo para ajudar aqueles que os outros não têm interesse em fazê-lo.

Foi assim que ela me tocou. Era forte. Tinha o rosto cansado e abatido, a fala abrupta e inequívoca. Achamos que os santos são suaves, etéreos, submissos e resignados. No entanto, alguns santos são rolos compressores – grandes organizadores, operadores, guerreiros no mundo.

Certa vez, em 1994, a vi num comovedor ato de coragem. Ela discursava diante da igreja oficial de Washington e de mais alguns milhares de cristãos renascidos, católicos ortodoxos, e judeus. Madre Teresa falou de Deus, amor e família. Disse que devemos amar uns aos outros e cuidar uns dos outros. Houve grandes manifestações de concordância.

Mas, à medida que o discurso continuou, fiquei mais atenta. Ela falou de pais infelizes em asilos para velhos que vivem "magoados por estarem esquecidos". Perguntou: "Estamos dispostos a dar sem limites para ficar ao lado de nossas famílias, ou colocamos nossos interesses em primeiro lugar?"

Os cinquentões na platéia começaram a se remexer nos assentos. Ela continuou. "Sinto que o maior destruidor da paz hoje é o aborto", disse, e explicou o porquê, em termos inflexíveis. Durante pouco mais de um segundo houve silêncio. Depois, os aplausos ecoaram pelo salão. Mas nem todos aplaudiram: o presidente e a primeira-dama, o vice-presidente e senhora pareciam estátuas, sem mover um músculo.

Madre Teresa não parou por ali. Quando terminou, não havia quase ninguém a quem não tivesse atingido. Um senador virou-se para a mulher e perguntou: "Meu queixo já voltou à posição normal?"

Dizer a verdade aos poderosos! Madre Teresa não se importava, e não tinha medo. O poema que me deu incluía suas melhores respostas à pergunta de Cristo aos apóstolos. Ela disse que ele é "a Verdade a ser dita... o Modo como se deve caminhar... a Luz a ser acesa". Madre Teresa seguiu o próprio conselho e sua vida inteira o comprovava.



AVISO NO SAGUÃO do Aeroporto de Cuiabá, Mato Grosso: "Comecem seus beijos de despedida bem cedo, para que os aviões possam partir no horário..."

Luciana Regina Rodrigues do Amaral, Rondonópolis (MT)